

Kanankil: conversa entre muitos*

*Pablo González Casanova***

Resumo:

Dois fantasmas percorrem o mundo. Por um momento detêm-se na Lacandona.¹ Chamam-se Marx e Engels. Iniciam uma conversa entre muitos, na qual não só vão intervir outros fantasmas com suas próprias reflexões, mas que vão também ampliar o que a princípio da conversa disseram Marx e Engels. O diálogo de diálogos realiza-se nas formas de paliques,² assembléias e via Internet.

Engels — Parece-me que deveríamos escrever de novo o *Manifesto Comunista*.

Marx — Haveria que mudar muito...

Engels — Sim, mas também teríamos que conservar muito. E isso seria o interessante, não te parece? No que mudou o rio e o que ficou dele, como anda seu curso e quanta água leva...

Marx — Todo mundo está lendo o *Manifesto* porque fez cento e cinquenta anos. Teríamos que reescrevê-lo pensando no que há de vir nos próximos anos.

Engels — Isto é, pensar no "que vem"..., gosto disso. Porém, primeiro teríamos que precisar "o que fica", e...

Marx — (interrompendo) "Ao que aspiramos"... Entre estes dois aspectos está toda a história do que passou, do que não ocorreu como pensávamos, do que surgiu de uma maneira imprevista...

Engels — Se não queremos ficar numa ociosa especulação, devemos reescrevê-lo página por página ou relê-lo e pensarmos como o rescreveríamos...

Marx — Leiamo-lo página por página, só para repensá-lo. Depois veremos com quem e onde nos reunimos ou comunicamos para escrevê-lo de novo... Para início, temos que dar-nos conta de que o fantasma do comunismo não ronda a Europa. Depois das experiências do "socialismo real" e o fim da "guerra fria", as

* Traduzido por José Rúbens Mascarenhas de Almeida, mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP/ESB e membro do Neils.

**Sociólogo mexicano, autor de várias obras importantes, entre elas "A democracia no México". Professor da Universidade Autónoma do México.

1. Selva do sudeste mexicano, no Estado de Chiapas.

2. Conversa de pouca importância (N.T.).

críticas da burguesia ao comunismo continuam prevalecendo sobre as que são feitas pelos revolucionários. Quer dizer que nossa primeira tarefa consiste em trazer à luz do dia essas experiências para mostrar ao mundo inteiro nossas idéias, tendências e aspirações. Porém teríamos que considerar as três: quais são nossas idéias, quais são nossas tendências e quais as nossas aspirações?

Engels — Começando por esclarecer esse “nós” que “crê” nessas “idéias”: Nós, os proletários, nós, os comunistas, nós, os espectros?

Marx — Nós, os marxistas? (sorri) E que outros? Muitos dos outros que formam um novo “nós”... O que é tão novo do ponto de vista da luta de classes? E, no que é tão diferente ou parecida a luta de classes? Mas, já estou me adiantando...

Engels — Não. Até hoje a história segue sendo a história das lutas de classes. Porém, reafirmando isso, precisamos esclarecer alguns equívocos dos que em geral só se ocupam os contra-revolucionários, embora escondam nossos acertos. Por ter aspirado destruir este regime infame de apropriação que domina o mundo somos os mais indicados para falar com precisão hoje como é a luta de classes. É uma falácia afirmar que, por não se confirmarem algumas tendências, a luta de classes não existe. Só nos faltava isso: acabou-se a história e acabou-se a luta de classes. É o que dizem.

Marx — Muitos são os problemas essenciais que aparecem prontamente. Vou enunciar alguns que me vêm à cabeça e que encontram-se pendentes (levanta o polegar da mão esquerda). Primeiro, pensar o mundo a partir da Europa — sem eurocentrismos, como diria Samir Amin — e com particularidades maiores do que as que alcançava nossa imaginação quando não tínhamos claras as variantes de “centro” e “periferia”.

Engels — E do que Wallerstein chama de “economia-mundo”.

Marx — (prosseguindo) Segundo, pensar na luta de classes como luta contra a exploração, contra a apropriação desigual do excedente e contra a opressão do capitalismo. O que quero dizer é que, paralelamente ao fato de precisar as classes em luta e os tipos de luta de classes, devemos pleitear uma luta mínima e evidente que é a luta contra a exploração, incorporando a ela a luta contra a apropriação abjeta do excedente e, a ambas, a luta contra um regime de dominação mundial que produz, de forma sistemática, o empobrecimento e a miséria por exclusão.

Engels — (levantando o dedo indicador da mão direita) E temos que ver a luta de classes nos próprios regimes anticapitalistas. Analisar muito mais as contradições internas do proletariado, dos movimentos revolucionários e socialistas, inclusive dos mais radicais, como considerávamos os comunistas, de cujas contradições internas tínhamos, naquela época, uma noção muito vaga ou muitíssimo menos rica da que hoje temos.

Marx — É necessário pensar também, e este seria o quarto ponto, na evolução e historicidade da dialética. Vê-la em formas menos cíclicas e lineares. Ir além dos momentos de auge e recesso revolucionário, esses que nos deixavam sempre

com a idéia de uma dialética progressiva ou em espiral ascendente. Recordar que o efeito do que chamamos "socialismo ou barbárie" é hoje uma possibilidade muito mais ameaçadora que então. O extermínio de ambas as classes, isto é, da humanidade, é iminente segundo Altvater e muitos outros, a menos que se logre a transformação do regime mundial capitalista, de seus padrões de exploração da natureza e da sociedade, e de seus padrões de consumo e destruição da energia e meio-ambiente. Como ontem, a espiral pode derivar na barbárie, só que com maiores possibilidades de extermínio.

Engels — Suponhamos que este quarto ponto seja o de uma dialética adaptativa, mas que, de todo modo, termina com a implosão do sistema, a menos que haja uma transformação revolucionária.

Marx — Por revolucionário...

Engels — Não, deixa-me terminar. Em relação à dialética, há um quinto ponto sobre o qual devemos refletir. Aceitar que as mediações e mediatizações³ do processo revolucionário, que são muito mais ricas e significativas do que pensávamos e nos obrigam a pensar muito mais em termos gramscianos de "guerras de manobra" e "guerras de posição" com várias perguntas a responder de forma muito concreta e precisa, coisa que não temos feito: como se ganha uma guerra de posição? Como se ganham as lutas pela hegemonia? Como se ganham as lutas pelas mediações?

Marx — Fato é que as classes dominantes têm melhorado e melhoram suas respostas com informação e organização e que, dialeticamente, "com muita informação e muita organização", estão nos levando a um verdadeiro caos no sentido clássico da palavra...

Engels — E também no que lhes proporcionam as chamadas "novas ciências" que relacionam organização e caos...

Marx — Em todo caso, a dialética segue sua marcha com tudo e cibernética.

Engels — Sim, enquanto a burguesia segue triunfante e altaneira rumo ao desastre, é muito eficaz para destruir mediante repressão, cooptação ou concessão às organizações revolucionárias, a seus líderes e bases, sua memória histórica e sua solidariedade.

Marx — Exatamente. É o que ia dizer. Sigo?

Engels — Sim.

Marx — Hoje a guerra civil mais ou menos esboçada chama-se "guerra de baixa intensidade" e combina, como unidade estratégica, a mediação e a violência. A guerra e a paz não são opostos. Formam parte de um conjunto tecnicamente operante. Obedecem a uma mesma política de repressão e submissão. Por isso, o

3. Ação e efeito de mediatizar. Mediatizar, privar o governo de um estado da autoridade suprema que passa a outro estado, porém conservando àquele uma soberania nominal. Segundo Albuquerque, A. Tenório (1991). *Dicionário espanhol português*. Vila Rica Editores, Belo Horizonte.

sexto problema a repensar é o da guerra civil mais ou menos esboçada que busca eliminar não só física, senão moralmente aqueles que enfrentam o sistema “te vendestes, te fodestes”. O faz com uma maestria que, mais que uma arte, é uma técnica de mudar tendências esperadas “disfuncionais” do sistema. Opera em níveis “micro” e “macro”, em etapas de auge e depressão. Reforça ou constrói — ouça bem — reforça ou constrói “contra-tendências” úteis ao sistema que provocam uma espécie de adaptação estrutural ao mesmo. Com isso quero dizer que à moral revolucionária se lhe propõem problemas políticos muito mais profundos que os de pequenos grupos ou indivíduos que abandonam a luta e aos que se acusava de “social-traidores”, ou “desclassados” que se haviam passado à “aristocracia operária” ou à burguesia. Frente às políticas de cooptação e mediatização surge a importância enorme de vincular a moral individual e a organização das coletividades para ganhar a luta de tendências no neo-capitalismo. O fenômeno se dá claramente na “guerra de baixa intensidade”, que em suas manobras e posicionamentos combina a repressão, a cooptação e a filantropia para desmoralizar, corromper e avassalar os rebeldes. As lições de Ernesto Che Guevara, assim como a organização de tendências e práticas morais, de relações político-morais para a defesa da revolução cubana são contribuições às quais devemos dar uma enorme importância.

Engels — Eu diria que a acumulação moral como acumulação de forças é tão importante como a acumulação teórica de que falava René Zavaleta. A acumulação teórica e suas práticas encontra-se ligada à memória histórica, também às práticas de solidariedade e ações coletivas com vontades organizadas e com uma crescente difusão da educação para pensar, e para pensar de forma crítica, reflexiva e combativa.

Marx — São muitos problemas, o da acumulação de teoria e acumulação de forças, incluindo na teoria a história e as práticas, e nas forças aos explorados e oprimidos das mais distintas civilizações do mundo. Limitando-nos às práticas de ações coletivas organizadas e à articulação de forças para alcançar a hegemonia, penso que os velhos conceitos de agitação e propaganda política têm mostrado ser de tudo insuficientes e que a educação para pensar e atuar deve estar acima desses conceitos. Tem que ir além da divulgação do marxismo ou de qualquer pensamento científico, moral, crítico, histórico, político-revolucionário. A maioria dos trabalhadores e dos povos pode dominar elementos fundamentais do pensamento profundo. Como afirma Paulo Freire, tem que pensar e transformar o mundo desde seu mundo. Seus líderes, como Fidel Castro, em seus primeiros e nos mais recentes discursos, não só têm de transmitir-lhes a capacidade de análise e de síntese, mas também o conhecimento de uma retórica que sirva para construir realidades. Dominarão a filosofia, a economia, a política e a ciência e viverão seu pensamento e ação desde uma cotidianidade moral e vital, que inclua a alegria e a coragem, a capacidade de persuadir e a de fascinar.

Engels — Isso parece romantismo ou pós-modernismo, mas tens razão. Hoje a possibilidade de dar “melhor educação a muitos” é um problema que se pode resolver por meio de redes de ensino-aprendizagem, de grupos de conscientização, com diálogos de poucos, o *tsikbal* como se diz em maya, e de muitos, o *kanankil* como se diz na mesma língua. E traduzo porque desses povos vem, entre os pobres, o passar de assembléia a redes e o combinar o diálogo direto com o eletrônico. Agregaria, em todo caso, que a pedagogia de Freire se insere num importante movimento dos sacerdotes que têm feito a “opção pelos pobres” e que à sua “conversão” agregam o difundir as religiões para despertar os oprimidos.

Marx — Aqui já nos está fazendo falta passar a outro ponto central que me parece seja o sétimo ponto, e que corresponde ao problema do protagonista, ou do sujeito ou sujeitos históricos. Esclarecer, por um lado, se as duas classes antagônicas seguem sendo estrategicamente a burguesia e o proletariado, como dizíamos, ou são a burguesia e os trabalhadores, como afirma Ralph Milliband. Em todo caso, prestar muita atenção ao papel protagônico dos camponeses, as etnias, as mulheres, os estudantes, tudo sem descuidar dos operários e trabalhadores manuais e intelectuais e seu papel central variável, porém necessário. É certo que os camponeses correspondem, em fins do século XX a populações minoritárias, porém seguem jogando importantíssimos papéis de detonador em muitos movimentos. Quanto às etnias, pleiteiam-nos, por sua vez, os perigos de uma história universal tribalizada, com nacionalismos e purezas étnicas auto-destrutivas e projetos de história que sejam realmente universais, com unidade na diversidade, com respeito tanto às particularidades como aos direitos universais dos indivíduos e povos. Neste pleito sobressaem com força magnífica os mayas do México e seu Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Engels — Tudo isso nos leva a repensar a revolução comunista como revolução democrática. Porém, antes creio que devemos chamar a atenção para o fato de que aqueles que administram como políticos e gerentes “o regime oprobioso” tem conseguido impor uma exploração acentuada nas periferias e políticas de apropriação excludente da imensa maioria da humanidade. Têm desestruturado o mais que podem à classe operária e aos povos que unidos tentaram libertar-se com o projeto de Lenin. Ao mesmo tempo, eles têm logrado organizar-se como grandes complexos militares-industriais-financeiros, de poder, produção e apropriação. Montados sobre os antigos impérios coloniais, articulam as burguesias metropolitanas e periféricas em redes formais e informais, institucionais e estruturais. Com elas exercem o poder através do Estado e do Mercado, dos governos e os bancos centrais, dos “exércitos do conhecimento eletrônico” e seus auxiliares semi-treinados do ex-Terceiro Mundo. Enfim, desenvolvem seu colossal aparato publicitário com meios focalizados ou de massas. Esses “complexos” auxiliam às burguesias, aos governos e ao imperialismo, os comunicam e os organizam, os armam e os submetem...

Marx — Sim, porém entre lutas que não dão razão a Kautsky, pois ainda que os complexos pareçam um “ultra-imperialismo” suas contradições internas são tão brutais que o mundo vive à margem de uma crise muito pior que a dos anos trinta. A cooperação interimperialista para explorar o mundo e repartir seus recursos e excedentes sempre está à beira de uma nova guerra aberta, como o esteve nos tempos de Kautsky e pior vai ficar à medida que os recursos se escasseiem. O ideal — como disse Hilferding — segue consistindo — por exemplo, nos Estados Unidos — em assegurar a uma nação a dominação do mundo. O caminho ao desastre está aberto.

Engels — Em todo caso, ao falar de luta de classes, vemos como uma, a burguesia, mostra reestruturações e articulações organizadas que o conceito clássico e inclusive o da burguesia monopólica ocultam ou não dão suficiente conta. Ao mesmo tempo, a outra classe, o proletariado, mostra desestruturações e heterogeneidades muito distintas das do proletariado clássico e do proletariado universal hegemônico que, imaginávamos, constituiria a imensa maioria da sociedade. É um fato. Hoje, nos encontramos com proletários diferentes, desdesenhados e desorganizados até em suas próprias nações e mais ainda a nível internacional. Pergunto-me se o conceito de “classes pobres” que em nossa juventude usávamos não é melhor para pensar nas alianças destas com as “classes trabalhadoras”, e se não devemos articular umas e outras com “os pobres da terra” e com as “classes médias” empobrecidas... Em todo caso, temos que aceitar que certas teses como a da “perda da centralidade da classes operária”, são absolutamente corretas. Se, ao reconhecer esse fato, muitos de seus autores deram por terminado o projeto socialista e, mais ainda, o comunista, temos que perguntarmo-nos em que medida o projeto socialista e comunista segue sendo a meta e de que forma se pleiteia hoje a revolução.

Marx — Estás tocando nossas crenças mais profundas... Vou por elas. Creio que devemos formular com a maior precisão possível, a “teoria das alternativas”. Para isso temos que partir da *práxis* de alternativas anteriores, e não só em relação à socialização dos meios de produção, senão em relação à construção de forças que não reproduzam, nem antes nem depois da tomada do poder, os regimes de apropriação, corrupção e dominação contra os que originalmente lutaram. O controle dos governos alternativos implica desenvolver o que na *Nova Gazeta Renana* chamamos de “a revolução democrática”. Não podemos já nem pensar que em nome de uma classe domine um partido e, em nome do partido o comitê central e, em nome do Comitê Central, o secretário-geral. O controle democrático dos governos alternativos é essencial. A prática de governar com as maiorias e para elas é o contrário do projeto comunista ou populista que se perdeu com o triunfo das burocracias e das máfias. O controle democrático dos governos alternativos tem que preocupar-se em não repetir as experiências da social-democracia que se associou aos regimes de apropriação capitalista e de saque socialista. A revolução democrática, enfim, não só terá que controlar de forma

crescente os processos de autoritarismo e cooptação, de corrupção e filantropia que refazem o domínio do sistema. Terá que articular todas as forças heterogêneas da libertação. Esse objetivo obrigará a antepor a revolução democrática à socialista e à comunista com um respeito crescente ao pluralismo religioso, filosófico, político das maiorias empobrecidas. O resultado da revolução democrática profunda, universal, será o socialismo, e essa sociedade em que a cada um se dê segundo sua necessidade. A democracia — como tem dito Adam Schaff — será o socialismo...

Engels — Pode ser que não te custe trabalho dizê-lo... Porém a muitos custa. Elen Meiksins publicou um livro cujo título é *A democracia contra o capitalismo*. Eu me perguntei porque não foi intitulado *O capitalismo contra a democracia*, pois ela dá as mais amplas provas de que o capitalismo é o pior inimigo da democracia, pior que o escravismo grego. Porém, o que dizer-te é que quando esperas que te convide a lutar pela democracia contra o capitalismo, regressa a ortodoxia da luta pelo socialismo. Em todo caso, o que temos confirmado desde Luís Felipe até nossos dias é que no regime oprobioso de apropriação que domina o mundo é muito clara a luta de classes. Se a libertação se apresenta hoje de novo como uma revolução democrática, a estratégia de guerra de baixa intensidade coloca-nos, constantemente, em posição de mediação e conflito, de negociação e de repressão para defender e refazer o sistema. Uma lição se repete desde 1848 para cá: a burguesia ou as estruturas de poder dominantes consideram que há “democracias boas” e “democracias más” como também o escrevemos na *Nova Gazeta Renana*. E, num momento dado, é de esperar que reajam com uma extrema violência mental, verbal e física ante os movimentos democráticos conforme estes afetem seu regime oprobioso de apropriação e exploração. Que medidas de segurança tomarão as forças democráticas? Como farão compatíveis seu respeito ao pluralismo com o avanço de um processo que, com seus ataques, tenderá a endurecer o agressivo regime? Que firmeza e negociação requererão para avançar na paz e na guerra rumo a um movimento histórico que fortaleça suas posições? Em todo caso, “as democracias más” que lutem pela justiça e pela dignidade, cedo ou tarde verão aparecer, com as mentiras oficiais, os interesses de classe.

Marx — Me parece que já temos algumas linhas gerais e alguns problemas sobre o que é necessário refletir mais. Agora, mãos à obra.

Abril de 1998.